

---

## DEPOIMENTOS

---

### OS PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO — UFPE E A EDUCAÇÃO POPULAR (1)

Ana Maria de Oliveira Galvão (2)

#### 1. Introdução

A educação popular, apesar de ser uma prática viva na América Latina, principalmente a partir da década de 60, ainda é um conceito controvertido entre os que a praticam e estudam.

O Centro de Educação da UFPE deveria se inserir como espaço nesse amplo debate, a partir do confronto das concepções dos que o compõem, sobretudo os professores, visto que estes são os principais responsáveis pela formação dos profissionais de educação. Isso se faz urgente principalmente hoje, quando o Centro de Educação optou pela escola pública e pela aproximação com os movimentos populares, eixos presentes na definição do curso de pedagogia, em sua última reformulação. Mas, que concepções são estas? Será que elas têm alguma influência sobre a prática pedagógica desses professores?

---

1. Trabalho realizado na disciplina Educação Popular no 1.º semestre de 1989.

2. Aluna da graduação em Pedagogia do Centro de Educação da UFPE.

Buscando responder a estas e outras questões, foram realizadas 11 entrevistas com professores que exercem ativamente suas funções no Centro de Educação, no curso de pedagogia e nas diversas licenciaturas. O Centro de Educação possui 69 professores no exercício normal de suas funções, distribuídos em quatro departamentos: Planejamento Educacional e Administração Escolar (15 professores); Psicologia e Orientação Educacional (17 professores); Fundamentos Sócio-filosóficos da Educação (12 professores) e Métodos e Técnicas de Ensino (25 professores). Foram entrevistados, portanto, cerca de 16% do total de professores: 3 do primeiro departamento, 3 do segundo, 2 do terceiro e 3 do último.

## **2. Concepção de educação popular**

A sistematização em teorias das práticas educativas ocorridas no Brasil e no restante da América Latina, principalmente a partir de 1960, geralmente identificadas como "educação popular", ainda é pequena. Várias concepções sobre o assunto têm surgido entre os seus praticantes e estudiosos.

Em geral, acredita-se que a educação popular é um tipo de educação (principalmente alfabetização), feita com as camadas populares, cuja clientela é adulta. Esse conceito aparece em Beisiegel (1974).

Brandão (1986) enfatiza a dimensão da educação popular ocorrida fora da escola, no seio dos movimentos populares, principalmente com adultos. Reconhece, no entanto, que há experiências significativas do que se pode chamar "educação popular" em instâncias formais de ensino de 1.º e 2.º graus. Neste estudo, Brandão faz uma rápida análise das principais concordâncias e controvérsias

do que hoje se entende por educação popular, revelando que um dos principais pontos comuns nessas práticas é que buscam a criação de uma nova hegemonia, a da classe popular. Além disso, são práticas que têm como ponto de partida a cultura popular, buscando a constituição do povo como sujeito político. A relação pedagógica que se estabelece entre educadores e educandos reflete essa visão, evitando-se a manipulação. Na coletânea de artigos organizadas por este autor (1983) sobre as experiências educativas na Nicarágua pós-revolucionária, destaca-se o papel da educação (e principalmente alfabetização) de adultos fora da escola, como agente de consolidação das novas idéias, baseadas na nova forma de organização política e econômica do país agora vigentes. A educação popular é na Nicarágua, portanto, oficial.

Paiva (1972), por sua vez, considera, baseada em um estudo histórico da educação no Brasil, que a educação popular poderia ser compreendida, até meados da década de 60, como ensino elementar, primário e gratuito a todos os cidadãos. No entanto, a partir das experiências de educação de adultos na década de 60, configura-se uma nova visão de educação popular, agora entendida num aspecto mais amplo, contribuindo para formar a identidade política da classe não proprietária da sociedade capitalista. Em um estudo mais recente (1987), a autora destaca a posição de grande importância que ocupa o sistema formal público de ensino no processo de construção da hegemonia da classe popular, ou seja, a importância da educação popular escolarizada.

Finalmente, Souza (1987) identifica como educação popular (ao trabalhar o conceito de pedagogia da revolução) um tipo de educação que, explicitamente política, busca ser a expressão pedagógica de um projeto histórico da classe trabalhadora no processo de construção de sua he-

gemonia. É a educação, portanto, que faz opção pelo projeto político do pólo popular (em confronto com o pólo proprietário) no conflito de classes inerente à sociedade capitalista. Nesta perspectiva, a educação popular não se resume ao que acontece nos movimentos populares fora da escola, mas ao que acontece também dentro dessa instituição (que é um espaço contraditório). desde que esta posicione-se neste sentido, adotando práticas que viabilizem esse projeto.

A primeira questão feita aos professores entrevistados refere-se ao conceito propriamente dito de educação popular.

Para um grande número de professores entrevistados (5), a educação popular pode ser entendida como um tipo de educação que possibilite às camadas populares da sociedade tomarem consciência de sua situação, organizarem-se e lutarem por sua libertação. É, então, toda educação que se coloca a serviço de um bem coletivo, onde os seus sujeitos buscam seus direitos e forçam mudanças. De maneira geral, essa abordagem revela que a educação popular é qualquer prática pedagógica realizada no seio das camadas populares, cujo conteúdo e método visam também aos interesses dessas camadas. Esse conceito aproxima-se do apontado por Brandão (1986).

Um outro professor, ainda numa perspectiva semelhante, analisou a educação popular sob dois aspectos: o histórico (surgimento em meados da década de 60) e o teórico, como um tipo de educação que serve ao projeto político da classe popular, sendo um processo libertador, com elementos participativos, democráticos e pluralistas. Neste sentido, a educação popular põe em questão a prática da educação escolarizada, contribuindo para sua reflexão e análise. Essa análise, mais abrangente

que as anteriores, explicita claramente o objetivo da educação popular, como parte na construção do projeto político popular (Souza, 1987).

Dois professores entrevistados entendem a educação popular como universalização da educação básica ou fundamental, permitindo o acesso das camadas populares a esse instrumental mínimo, atendendo aos interesses e necessidades destas camadas. Essa análise assemelha-se à feita por Paiva (1972) no momento anterior à década de 60.

Finalmente, três professores declararam que educação popular é a educação do povo. Um deles referiu-se diretamente à educação de adultos para a cidadania, o outro destacou que o povo não é apenas a “população carente” e o último não deixou claro “quem é o povo”.

A questão seguinte pretende saber onde a educação popular acontece, onde essa prática educativa se dá. Quatro professores declararam que ela acontece tanto no interior dos movimentos populares quanto na escola, na rede pública de ensino. Dois destes, explicitaram que a educação popular acontece principalmente fora da escola e, em menor escala, dentro dela. Dois professores mostraram que a educação popular ocorre em várias instituições, como a família, a escola, etc. Finalmente, um professor revelou que ela se dá sempre que há pessoas interessadas que viabilizem essa proposta. Logo, a maioria dos professores divide-se em acreditar que a educação popular acontece apenas nos movimentos populares ou também na escola. Essa divergência é reflexo das concepções diversas dos vários estudiosos da questão, como foi visto.

A terceira questão refere-se ao papel da universidade na educação popular. Pretendia-se, com ela, perce-

ber como os professores vêem a possibilidade da universidade contribuir com essa prática. Dentro de uma concepção de educação popular mais ampla, a universidade teria, no mínimo, três papéis nesse processo: como escola, articulando-se com a rede pública de ensino e aproximando-se dos movimentos populares. No primeiro caso, deveria adotar certas práticas que se colocam como condições necessárias para uma educação popular escolarizada. Destaca-se, aqui, sua função como espaço de debate amplo de questões urgentes em educação. Deveria, nesta mesma perspectiva, articular-se com a rede pública de ensino, onde se encontra um grande número de crianças e adultos das classes populares, participando na luta e buscando alternativas para garantir o acesso e permanência destas na escola. Além disso, a universidade, através das atividades de pesquisa e extensão, deveria articular-se de maneira mais ativa com os movimentos populares, buscando dar sua contribuição na reflexão e compreensão dessa prática, abandonando, finalmente, o academicismo.

A idéia da universidade contribuir na educação popular como escola aparece em 8 falas dos professores. Em 4 destas, enfatiza-se a formação de um bom profissional, consciente de que é capaz de interferir na realidade social. Dois destes professores acreditam que a universidade deveria contribuir para a formação de “educadores populares”, comprometidos com os interesses da maioria da população. Em outras 3 falas, os professores revelam acreditar que a universidade tem um papel como espaço de debate, teorizando as práticas dos movimentos educativos populares e buscando explicações para os fatores que impedem a universalização do ensino básico. Dois professores citaram a implantação da disciplina “educação popular” como algo já feito pela universidade para contribuir nesse processo.

A necessidade de articulação com a rede pública de ensino aparece apenas uma vez no discurso dos professores.

A articulação e apoio aos movimentos populares aparece 4 vezes nas entrevistas, o que seria viabilizado através principalmente da pesquisa e extensão.

Um professor revelou que a universidade tem um importante papel na educação popular, que é o de contribuir para a educação do povo, não deixando claro como isso se daria.

As entrevistas dos professores parecem nos levar a concluir que a universidade tem dificuldade em deixar de se constituir num mundo à parte para se inserir na sociedade. Seu papel como escola é o mais relevante nos depoimentos, mesmo naqueles que demonstram ser favoráveis a um projeto de educação popular.

### **3. A prática dos professores**

As três perguntas seguintes dizem respeito mais diretamente às práticas pedagógicas dos professores no Centro de Educação. Considerando a educação popular parte de um processo que visa contribuir na construção do projeto político popular, toda e qualquer prática educativa que tenha em vista este projeto deveria ser permeada por essa concepção. É nesta perspectiva que se incluem essas questões.

A primeira destas perguntas visa conhecer a opinião do professor sobre a última reformulação do curso de pedagogia da UFPE. Dentro da nova filosofia proposta, o curso de pedagogia tem eixos definidos sobre os quais girará a sua ação: opção pela escola pública, aproximação

dos movimentos populares e melhoria da qualidade de ensino. Para isso, será oferecida uma formação única, que articulará as funções de professor, técnico e pesquisador.

Oito professores entrevistados consideraram a mudança positiva, por ter sido superada uma visão fragmentada do processo educativo (3 apontaram essa questão), por aproximar mais o pedagogo da realidade social (4 apontaram esse motivo) e porque mudanças são necessárias de "tempos em tempos" (1 professor levantou esta questão). Um outro professor destacou que não foram medidas assumidas coletivamente e que não têm tido grandes repercussões na prática docente. Outro professor considerou a reformulação confusa e, finalmente, um último considerou-a negativa. Entre os que se posicionaram a favor da reformulação, dois destacaram que, na prática, não tem havido mudanças e outros dois que faltam ainda discussões sobre vários aspectos não totalmente abordados, como os programas das disciplinas e seus conteúdos.

A questão seguinte foi sobre os objetivos mais gerais que os professores têm ao trabalhar os conteúdos de suas disciplinas. Dentro de uma perspectiva de educação popular, esperava-se que os professores tivessem como objetivo formar um educador crítico e instrumentalizado, sendo capaz de contribuir na construção de um projeto político popular. Isso se viabilizaria com a apropriação de conteúdos específicos pelo aluno numa perspectiva política explícita para que ele fosse capaz de atuar tanto nos sistemas públicos formais de ensino quanto nos movimentos populares.

Quatro professores parecem ter se aproximado mais da visão traçada anteriormente, afirmando que têm como principal objetivo dar um instrumental teórico para que o aluno possa compreender criticamente a educação e a so-

cidade, sendo capaz de nelas interferir, no sentido de sua transformação. Cinco professores afirmaram que trabalham os conteúdos específicos de suas disciplinas, tentando relacioná-los com a realidade mais ampla, não explicitando, no entanto, como os primeiros, que tipo de profissional pretendem formar. Entre estes 5, um professor revelou que não se preocupa em dar uma formação propriamente política ao aluno, mas em dar-lhe condições para que seja capaz de analisar e fazer sua opção. Um professor declarou que sua preocupação maior é profissionalizar, dar base teórica e não política a esse profissional. Finalmente, um professor revelou que seu maior objetivo é dar condições para que o aluno pratique, quando sair da universidade, o que nela aprendeu.

Nas entrevistas dos professores, como podemos observar, ainda aparecem discursos de uma educação politicamente neutra, que visa à profissionalização do aluno, independentemente de uma opção política que se faz, no interior da sociedade capitalista, por um ou outro pólo no conflito de classes. Essa posição revela uma visão tecnicista de educação.

Uma educação política se traduz na relação entre a forma e o conteúdo do processo de transmissão e assimilação do saber elaborado, tendo em vista um determinado fim (Oliveira, 1987). Assim, conhecer as formas de trabalho dos professores foi o objetivo da última questão da entrevista, procurando relacioná-las com o seu discurso. Um ponto de partida na forma de trabalho numa perspectiva de educação popular é considerar o saber do educando, articulando-o com o "saber científico". Uma prática nesse sentido priorizaria o pensamento, reflexão e produção do aluno, que se tornaria agente ativo no processo. Um contato direto dos estudantes com a realidade da escola pública e com os movimentos sociais seria outra forma de trabalho numa direção de educação popular.

Um grande número de professores (6) revelou que, na sua forma de trabalhar, procura não dicotomizar teoria e prática, pondo os alunos em contato com as escolas (4 professores), com a política educacional do Estado (1 professor) e com os movimentos populares (1 professor, revelando ser uma experiência recente). Ainda nesta linha de relacionar teoria e prática, 2 professores declararam trazer pessoas de fora com experiências significativas em educação para conversar com os alunos. Cinco professores centraram suas respostas nas técnicas mais usadas por eles em suas práticas: leitura, aula expositiva, discussão de texto, etc. Três professores revelaram levar em conta o saber do aluno: o primeiro vendo e fazendo ver o aluno não apenas como consumidor, mas produtor de conhecimentos; o segundo declarando que sempre aproveita a experiência do aluno na disciplina; o último afirmando que muitas vezes muda o objetivo específico da aula em função dos interesses da turma. Finalmente, um professor revelou que, ao trabalhar sua disciplina, procura resgatar o máximo o que foi visto nas disciplinas anteriores. Três professores revelaram-se ainda conservadores em avaliação e em busca de alternativas.

#### **4. Conclusões**

Um primeiro ponto a ser destacado é que as concordâncias e controvérsias sobre a concepção de educação popular existentes entre os diversos autores estudados aparecem também no depoimento dos professores, revelando que o Centro de Educação poderia tornar-se um amplo espaço de debate sobre a questão. Isso é confirmado pela posição de muitos professores que apresentaram certa resistência ao responder as questões, alegando que não “entendiam” ou “nunca haviam trabalhado” com “educação popular”. Mas, se educação popular é um tipo de educação, como a maioria deles afirmou, que visa aos interes-

ses das classes populares, já não se poderia “trabalhar” educação popular na própria prática docente, formando “educadores populares”, como mais de um professor sugeriu? Outro professor revelou durante toda a entrevista que vive uma “descoberta” dessa nova visão de educação, o que é um momento difícil, quando busca renovar suas concepções e práticas. Não estaria, portanto, faltando no Centro de Educação um maior espaço de debate sobre educação popular? Pelos depoimentos dos professores, parece haver esta necessidade, até para que se viabilize a nova proposta do curso de pedagogia, que muitos se queixaram de “não estar sendo vivenciada na prática”.

Outro ponto observado é a quase coincidência na prática de professores que apresentam um discurso que genericamente poderíamos chamar de “progressista” e dos que apresentam um discurso “conservador”. O que isso revela? Será apenas uma aparente coincidência e, na realidade diária, há práticas distintas, apesar de usarem “técnicas” semelhantes? Ou ainda não se superou a dicotomia teoria/prática? Nesse aspecto, observou-se também que poucos professores revelaram que procuram tornar o aluno agente do processo educativo, levando em conta sua experiência e saber. Como fomar, então, educadores populares se não se leva em conta, na própria instância universitária, o saber do aluno? Ainda nessa perspectiva, muitos professores revelaram encontrar dificuldades em adotar práticas menos autoritárias, como na avaliação. Não seria fundamental colocar estas questões para o restante do grupo, iniciando um amplo debate? Parece que sim, e este é um dos caminhos para que a educação popular se torne uma prática viva no Centro de Educação.

## **5. Referência Bibliográfica**

BEISIEGEL, C. R. **Estado o educação popular**. São Paulo, Pioneira, 1974.

BRANDÃO, C. R. **Saber e ensinar**. São Paulo, Papirus, 1986.

————— (org.) **Lições da Nicarágua**. São Paulo, 1987.

OLIVEIRA, B. e DUARTE, N. **Socialização do saber escolar**. São Paulo, Cortez, 1987.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo, Loyola, 1972.

————— Estado e educação popular: recolocando o problema em **A questão política da educação popular**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

SOUZA, J. F. **Uma pedagogia da revolução**. São Paulo, Cortez, 1987.